

Visões do Brasil: representações femininas nos relatos de viajantes

Maria de Fátima Hanaque Campos¹

DOI 10.20396/eha.vil4.3465

Introdução

O trabalho tem a finalidade de analisar a representação da mulher brasileira em particular as mulheres índias e negras através dos relatos de viajantes nos séculos XVIII e XIX. A literatura de viajantes tem sido fonte de informações para os estudos historiográficos, gênero, artes e neste trabalho caracteriza-se por um enfoque tendo em vista relacionar a representação sobre a mulher contidas nos textos e imagens da literatura de viajantes a partir de um projeto colonialista dos europeus na América.

Estruturalmente, o trabalho que ora se apresenta parte de um questionamento da autora Miriam Moreira Leite em *A condição feminina no Rio de Janeiro no século XIX* (1984) que ao analisar os livros de viagem do século XIX, constata que os viajantes observaram e refletiam sobre a condição feminina na medida em que se detinham nas ocorrências e nas relações entre as pessoas, nos locais visitados. Dessa forma, os viajantes deixavam aflorar informações e representações sobre a condição da mulher, seus relacionamentos, suas atividades e sua participação social. Entretanto, observa-se que o espírito científico dos viajantes estava intimamente associado à expansão do conhecimento e julgava-se capaz de reconhecer diferenças físicas e sociais, e de observar de acordo com princípios comparativos advindos de terras europeias. Dessa forma, não se pode colocar como um olhar casual, desinteressado.

A partir da expedição de Humboldt (1799) a América do Sul, as viagens de estudo são fundamentais para a obtenção de experiência científica e pessoal, mas também passa a marcar a elaboração de uma literatura com as marcas da ciência e distanciando-se do modelo de crônica de viagem – característica dos séculos anteriores².

Mas as fronteiras entre os textos literários e científicos nessa época ainda são tênues pela

¹ Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Doutora em História da Arte (UP-PT), Professora Plena e integra o Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento.

² PAZ, 1996.

formação dos viajantes e pelos objetivos de observação da realidade desconhecida.

Ainda que se afirmassem como “porta-vozes da civilização” capaz de reconhecer as diferenças físicas e sociais e de observar de acordo com os princípios comparativos, depara-se com o estranhamento diante do novo, do inusitado ou daquilo que fora definido como diferente³. Nas representações, além de reforçar os projetos coloniais, assinalavam a dificuldade dos viajantes em compreender uma nova realidade cultural. O trabalho está dividido em: Introdução, Sob o olhar da ciência: a representação feminina nos relatos de viajantes nos séculos XVIII e XIX, considerações finais.

Sob o olhar da ciência: a representação feminina nos relatos de viajantes nos séculos XVIII e XIX

A literatura de viajantes constituiu-se como o registro das expedições marítimas voltadas para outros mundos com o intuito de alargamento do comércio e de novas descobertas de produtos advindo da flora e fauna exótica.

Sobre a égide dos descobrimentos, teorizar sobre o Novo Mundo significou estar refletindo sobre o mundo moderno, um mundo que ainda não esgotara a possibilidade de aventar novidades. O Renascimento avivou o que era por demais conhecido na Antiguidade, ou seja, as teorias climáticas, que pressupunha uma conexão entre clima e caráter ou humores corporais, entre climas e animais. O clima podia explicar a bravura, a preguiça, a tendência para a meditação de certos povos. Jean Bodin – *Methodus ad facilem historiarum cognitionem*, 1566, *La Republique*, 1579, iniciou com os teóricos franceses a ideia de determinismo geográfico⁴.

Surgem várias versões relatadas que oscilam entre o mito remanescente da visão medieval e a visão científica ou documental de viajantes que buscavam aproximar as informações do real. As informações documentais encomendadas de caráter oficial tinham o objetivo de reconhecimento das potencialidades da flora, a fauna das terras tropicais. Entretanto, o olhar do viajante busca no desconhecido, razões para defender a dominação e exploração dos povos e das terras desconhecidas.

Aos poucos os pensadores europeus incluem o Novo Mundo em suas reflexões e exemplifi-

3 PAZ, 1996.

4 GONDIM, 2007.

cações teóricas. Entretanto, o Conde de Buffon (1707-1788) ao publicar *A História Natural* (1744) tenta eliminar a insatisfação provocada pela imperfeita aplicabilidade de conceitos e tipos zoológicos do Velho Mundo, a realidade natural do Novo. As espécies animais eram diferentes e a causa era a umidade, combinada com o calor, produzia répteis gigantes e insetos vorazes.

As fontes iconográficas são também valiosas, nos desenhos de época os nativos perdiam suas especificidades para assumir o aspecto de bruxos, feiticeiros, demônios e homens selvagens. Inúmeras imagens pictóricas produzidas entre os séculos XVI e XVII que abarcam pintores portugueses, franceses e holandeses, tiveram por inspiração ou fonte de pesquisa estampas com representação de alegorias divulgadas pelas iconografias europeias que mostram o novo continente – a América – seus habitantes, a fauna exuberante, a nudez dos habitantes, a ausência de animais de grande porte como os africanos.

A não aceitação do *modus vivendi* do nativo vai fundamentar as estratégias de colonização, de escravização, em nome da ausência de uma sociedade estruturada ao modo europeu, esse discurso manter-se-á ao longo dos séculos em territórios do Novo Mundo. A representação das mulheres no povoamento e na construção de um novo território sociocultural nas Américas foi subdimensionada ao desconsiderar a função de produção e reprodução dessas.

Com o século XVIII, consolida-se uma nova concepção de ciência baseada no racionalismo e a atuação dos naturalistas passa por novas concepções e práticas a exemplo da taxonomia do sueco *Carl Linné*, que publica em 1735, *Systema Naturae* (Sistema da Natureza) uma nova classificação para as espécies do reino vegetal, de forma a estabelecer classes e categorias, principalmente das espécies desconhecidas, pois nomeando-as se identificava o objeto⁵.

As viagens do prussiano Alexander Von Humboldt à América em 1799 resultaram uma maneira diferente de tratar os temas da história natural conciliando o pensamento enciclopedista e a viagem sentimental. Segundo Lisboa (1997) esse estilo estético-científico, une a visão poética e o conhecimento científico formando uma nova ideia: a observação empírica devia iniciar-se no particular, nas diferenças determinadas por condições exteriores, materiais, até atingir o geral, o comum a todos os povos por meio de comparações e combinações.

A literatura de viajantes no século XVIII e XIX no Brasil tem sido fonte de informação para muitos estudos da História e áreas afins como os Estudos Culturais e as Artes. As representações feitas pelos viajantes conferem ao sujeito uma atitude ativa e de compreensão da alteridade, ou

5 CAMPOS, 2008.

seja, ao modo como este olha os mundos descobertos e visitados. Esse olhar caracteriza-se de várias formas: ingênuo, o olhar do poder, o olhar da desilusão e as utopias⁶. Partindo da representação do espaço, dos objetos, dos povos, dos usos e costumes, interessa-nos conhecer a concepção que os viajantes produziram de si e do “resto do mundo”.

Os relatos de viagem vinham acompanhados de cartas geográficas, aquarelas e desenhos sobre a fauna e flora dos locais, representações de cenas do cotidiano dos habitantes das terras visitadas. Produzidas pelos viajantes ou por membros da equipe das expedições, estas representações tinham objetivos investigativos de novos conhecimentos.

Neste contexto, as representações femininas denotam construções do mundo social, formas de exibição e de estilização de identidades que se quer reconhecidas. Para Chartier (2002) a representação articula esquemas de percepções que classificam, julgam e agem nas formas de exibição e estilização da identidade, podendo estabelecer um processo de dominação.

Neste contexto, as representações da mulher índia e negra estão inseridas nos relatos de viajantes de forma estratégica como elemento construtor no projeto de dominação econômica, política e cultural da Europa nos séculos XVIII e XIX no Novo Mundo. A participação das mulheres no povoamento e na construção de um novo território cadenciado pela colonização portuguesa não teve registro que a colocasse numa posição de protagonista de nossa cultura material e na base física da família brasileira⁷.

Os relatos de viajantes constituem documentação necessária para a análise das representações femininas desde o início da colonização até o século XIX, na medida em que coloca visões diferenciadas do habitante local diante do comportamento recluso da mulher no sistema patriarcal, ou ainda dando destaque às mulheres escravas ou libertas que circulavam nas ruas a comercializar vários tipos de produtos apresentando-os como práticas decorrentes da ação de grupos de matizes étnicas.

O conjunto de obras produzidas pelos viajantes que foram selecionadas para análise paucou-se pelo limite temporal da segunda metade do século XVIII e primeiros decênios do século XIX. Considerou-se inicialmente, a continuidade de um processo histórico brasileiro assentado no modo de produção escravista e de dependência econômica com a Corte Portuguesa. Tanto Carlos Julião como Alexandre Rodrigues Ferreira vieram em missão oficial do reino de Portugal e Algarve.

6 PINTO-CORREIA, 2002.

7 ARRUDA, 2000.

Segundo Silva (2010) Carlo Giuliano, conhecido como Carlos Julião (1740-1811) foi um militar a serviço do exército português a quem são atribuídos documentos iconográficos em coleções brasileiras e portuguesas. Destacam-se as representações de tipos sociais provenientes de várias partes do mundo relacionadas com a Coroa Portuguesa nas quais pode transitar. Segundo Silva (2010) a Carlos Julião são atribuídas obras que se caracterizam pela presença de tipos humanos associados à representação cartográfica. Nesse sentido, a autora considera que o conjunto da obra se insere entre a tradição do desenho cartográfico desenvolvido no campo da competência dos militares dos setecentos português e nos desenhos que serviram de apoio ilustrativo a História Natural.

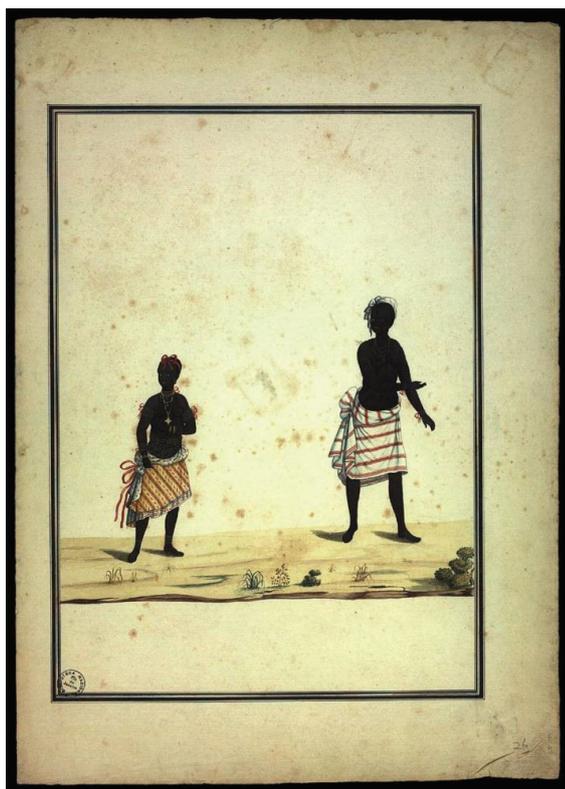
Em uma das visitas ao Brasil, em 1799, Julião produziu um álbum intitulado *Figurinhos de Brancos e Negros dos Uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio* entre 1776 e 1779. O álbum foi feito em técnica de aquarela sobre papel e composto por estampas de diversos tipos de uniformes militares, personagens indígenas, mulheres sendo transportadas em cadeiras de ombro, cenas de negros vendedores de rua, festas populares do período colonial brasileiro. Ao desenhar utilizava métodos da cartografia de iluminar mapas com inclusão de alegorias humanas referidas aos lugares retratados.

Apresenta tipos humanos caracterizados a partir de trajes ou objetos típicos de um ofício representando assim categorias sociais. Deu destaque à imagem feminina com interesse e atração pelos padrões diferentes do padrão europeu. A imagem da escrava corresponde à imagem da mulher negra (de origem africana ou brasileira) inserida no espaço urbano ou rural a exercer um papel social de submissão. Ele diferencia pobreza e riqueza, tanto do ponto de vista do tratamento pictórico, gestual, quanto do vestuário e associa a cor preta da pele à escravidão (Figura 1).

Carlos Julião ressaltou no espaço urbano a diversidade de hábitos nos trajes cotidianos, usos de signos mágicos e amuletos, ressaltando determinado poder no mundo feminino (Figura 2). Utilizou-se também de diferenças com os costumes exóticos, criando um campo de oposições entre os costumes da Europa e do Brasil. Entretanto, cria a possibilidade de intercâmbio na posição social na medida em que a mulher negra pode aproximar-se dos padrões europeus adotando usos e costumes adequados à civilização.

Silva (2005) colabora neste aspecto da diferenciação dos tipos sociais pela atividade executada e pela etnia: ocupações manuais não qualificadas, ocupações semiqualficadas (encontram-se nestas a maioria dos escravos domésticos e vendedores ambulantes, destacando-se em sua maioria as mulheres), ocupações manuais qualificadas e ocupações não manuais.

Lara (2002) analisa aspectos da identidade africana neste período de escravidão americana, destacando a participação da mulher escrava em processos de ocultação e explicitação das iden-



[Fig. 01] Carlos Julião (atribuído a). *Vestimentas de escravas. Figurinhos de Brancos e Negros dos Uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*. Sem data (Séc. XVIII).

Aquarela sobre papel. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



[Fig. 02] Carlos Julião (atribuído a). *Negras vendedoras. Figurinhos de Brancos e Negros dos Uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*. Sem data (Séc. XVIII).

Aquarela sobre papel. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

tidades sob o domínio senhorial. A autora utiliza-se de fontes não textuais a ser decifrada a partir de elementos constitutivos, a exemplo do conjunto iconográfico de Carlos Julião. Trata-se então de perceber formas de representação da condição social no período colonial no Brasil e a presença africana.

Lara (2005) considera que não se devem tomar as imagens como simples janelas do passado, mas observar e analisar elementos que ordenam o discurso. As imagens de Carlos Julião seguiam regras do registro de usos e costumes que orientaram a maior parte dos desenhos de viajantes dos séculos XVI a XIX.

O conjunto iconográfico de Carlos Julião pode se aproximar dos escritos e desenhos sobre os índios produzidos por Alexandre Rodrigues Ferreira, ambos contemporâneos e submetidos aos interesses colonialistas do império português, ao representar particularidades sociais, através dos

usos e costumes dos povos em posições subalternas.

Segundo Cardoso (2008) Alexandre Rodrigues Ferreira foi estudante de História Natural em Coimbra tendo terminado o curso em 1778. Em seguida instalou-se no Palácio da Ajuda com outros colegas para preparar a expedição científica no Brasil e permaneceu durante mais de 9 anos.

Raminelli (2001) considera que a Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira percorreu as capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá entre 1783 e 1792. Inicialmente planejada para ser composta por uma equipe de naturalistas, a viagem a América ficou resumida a apenas Alexandre Rodrigues e uns poucos auxiliares a tarefa de coletar espécies, classificar e prepará-las para o embarque a Lisboa. Cabia também verificar as condições materiais das vilas e fortalezas. Os riscadores na viagem eram Jose Joaquim Codina e Joaquim Jose Freire que foram responsáveis pelos desenhos dedicados aos índios. Segundo Raminelli (2001) o naturalista buscou o conhecimento dos grupos indígenas através de imagens taxonômicas, destinadas a classificar os grupos indígenas a partir de fisionomias, constituição corporal, moral e política. Aliada a representação iconográfica tinha a descrição dos relatos da viagem que possuía vínculos com o interesse do conhecimento da flora e da fauna e os costumes dos grupos indígenas.

As estampas da Viagem Filosófica tem um padrão comum no qual o semblante dos índios é semelhante. Não há muitas variações na forma da cabeça, face, testa, olhos, orelhas, nariz, boca, pescoço e tronco. As deformações atuavam como identificação dos grupos. Raminelli (2001) considera que Alexandre procura entender a evolução das comunidades americanas seja por intermédio do vestuário, adereços, armas, numa concepção ao progresso técnico, a cultura material mais instrumentalizada denunciava vestígios de civilidade.

Interessa analisar as imagens femininas. Um dos exemplos trata-se de um casal de índios do Rio Branco. A representação do homem e da mulher servia para caracterizar os gêneros: seus costumes, habilidades e vestimentas. Ambos estão seminus, uma pequena tanga de tecido branco cobre a genitália do índio, que porta ainda sandálias e um colar. A índia usa uma tanga decorada com desenhos geométricos, presa a cintura por um feixe de fios. Os seios desnudos e uma pequena faixa cobre a parte superior dos braços, os joelhos, tornozelos e pés estão desnudos. A índia segura uma cesta e uma pequena ave, talvez um papagaio, como produtos a oferecer ao viajante. Nesta representação feminina, destacam-se os atributos sexuais, seja pela exaltação da sensualidade, seja pela capacidade criadora.

Considerações finais

O relato dos viajantes acompanhava de uma produção iconográfica versando sobre as representações do ambiente e dos povos, na qual a natureza parece em igual ou maior importância do que o homem. Observa-se que o espírito científico dos viajantes estava intimamente associado à expansão do conhecimento e que se julgavam capazes de reconhecer diferenças físicas e sociais, e de observar de acordo com princípios comparativos advindos de terras europeias.

A representação feminina nos trópicos foi difundida através de relatos e imagens produzidas por viajantes e naturalistas que vieram ao Brasil. Estes divulgaram um imaginário que associa a sexualidade feminina com o interesse do europeu em estabelecer estratégias de regulação social. Carlos Julião deu destaque à imagem feminina com interesse e atração pelos padrões diferentes do padrão europeu. Alexandre Rodrigues Ferreira buscou o conhecimento dos grupos indígenas através de imagens taxonômicas aliada a representação iconográfica com o interesse do conhecimento da natureza e dos seus recursos naturais.

Os viajantes produziram imagens femininas a partir da visão que tiveram da própria experiência de viagem aliado ao estilo adotado de cada um desses, buscaram inserir seus personagens dentro de um contexto de representação da natureza e dos habitantes do Brasil.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Ângela. Representações das mulheres no imaginário brasileiro da colonização ao surgimento da nação. *Caderno CRH*, Salvador, n. 38, p.49-73, jan./jun. 2000. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/18568-62774-1-PB%20(1).pdf Acesso em: 27/11/2019.
- CAMPOS, Maria de Fátima H. *Visões do Brasil: representações femininas nos relatos de viajantes*. Feira de Santana (Ba): Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008. (Monografia para promoção na Carreira para a Classe de Professor Titular). P.53
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade//UFRGS, 2002.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins, 1940.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2007.
- LARA, Sílvia Hunold. Mulheres escravas, identidades africanas. In: *I Simpósio Internacional: o desafio da diferença*, 2000. Disponível em: (http://www.desafio.ufba.br/gt3_lista.html). Acesso em: 27/11/2019.
- LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1984.
- LISBOA, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil(1817-1820)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história a realização da utopia nacional*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- PINTO-CORREIA, João David. Deslumbramento, horror e fantasia: o olhar ingênuo da literatura de viagens. In: *O olhar do viajante: dos navegadores aos exploradores*. Fernando Cristóvão (org.) Coimbra: Almedina e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2003. p. 9-33.
- RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionomia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.7 (suplemento), 969-992, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a10vo8so.pdf> Acesso em: 27-11-2019
- SILVA, Simone Trindade Vicente da. *Referencialidade e representação: um resgate do modo de construção de sentido nas penhas de balagandãs a partir da coleção Museu Carlos Costa Pinto*. Salvador, S.T.V, Silva, 2005. 230 il Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, 2005.
- SILVA, Valéria Picolli Gabriel da Silva. *Figurinhas de brancos e negros: Carlos Julião e o mundo colonial português*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. 246 p.